Das Entranhas para a Luz
Juarez Francisco da Costa

Das Entranhas Para a Luz

Juarez Francisco da Costa

1ª Edição

Câmara Brasileira de Jovens Escritores

Das Entranhas para a Luz
Juarez Francisco da Costa

Para minha mulher
Alessandra Pedrosa Brochado

e aos meus filhos
Heitor e Sofia,
Nicole e Jhenyfer

Apresentação:

Há uma época de nós em que, inspirados pelos reveses da vida e ou sua beleza fascinante- suave ou dura- e pelas impressões que vão marcando, vamos juntando dissertações, versos ou escritos-desabafos. Paramos, retomamos... Até que um dia pensamos se seriam publicáveis. E concluímos que talvez não comercialmente, em proporções grandes e com inequívoca marca de profissionalismo, mas, tudo reflete um pouco de nós e guarda algum valor (reputamos), que merece ser mostrado, ainda que num espaço circunscrito. Então... quem sabe?

Durante muito tempo fica tudo numa gaveta e a vida segue... Até que novamente volta a incomodar a ideia de que algo está incompleto (falta dar destino ao que se escreveu).

Assim, decidi custear uma pequena tiragem dos trabalhos escritos ao longo de certo tempo. Estes escritos são poemas que separei de outros, que, impressos, resultarão num livro pouco mais extenso, juntando algumas impressões que registrei em prosa, aqui e ali. Esse outro virá em seguida. Espero que alguém, em abrindo o meu livreto, se anime a lê-lo de início a fim. E com isso, já estarei bem pago.

Juarez Francisco da Costa

POEMA-MENINO-MENINA

O poema não escrito, que não rimo,

Num romantismo tolo e desusado,

Infantiliza a alma, animado

Nos gestos pueris, tal um menino.

Desatento o sutil, não o domino,

Pois que antes só o tenho malogrado;

Endureço-o em mim, prendo o menino,

Ou por tudo se prende, desandado.

É essência no ar que mal respiro;

Não lhe sinto o estado em ser frermente;

Prendo o menino e só, fico silente.

Mas me vem acordar essa dormente

E juvenil razão do meu suspiro:

A menina a passar com um sorriso.

PRIMAVERA E MENINA
NO OUTONO DO POETA

Rimo não mais a solta poesia,
Iluminada, que anda em devaneio,
Turbando em mim as letras que mal leio,
À só razão de ser da alma a magia.

No palpitante mundo da alforria
Em que se vê o espírito eu me creio
Outro. E sou inteiro a poesia.
E não sou eu poema nem ao meio.

Conheço o vento vivo que alucina.
Sei-o sem tamanho e cálido deveras,
Mas só o sei fazer canto que nina.

Tempo de sonhos foi em que vieras,
Ao natural de ser, como menina,
Tempo de flor, servil às primaveras.

POEMA SEM CO-AUTORIA

Dentro de mim repousa um poema.

Não sei compor por mim e, por fazer,

Mesmo disforme existe numa teima.

E vem, sem agredir e sem nascer.

Não há sinais que o façam conhecer.

Sempre a pulsar, não sai da minha pena.

Menos da alma grave a arrefecer.

Versos nervosos marcam meu poema.

Relampejante surge e esvaece,

A se inscrever na carne- se a houvesse!-

Dentro, na minha alma, sem leitura.

Vive latente em mim, logo se esquece.

E nos teus olhos quando se aventura,

Diz simplesmente que ardo e se enclausura.

LIRA DO CREPÚSCULO

Manhã não quer chegar: há medo e enjôo

Pelos velhos e lúgubres meus dias.

Ela não vem vestir as poesias,

Aonde sempre eu fraco lhe perdôo.

Triste lira malvada, sem um vôo

Que livre e descarregue nostalgia.

Só sentida, não feita e que eu corôo,

Com a alma subornada todo dia.

Eu tenho sido ausência, não presença.

Eu estou sem viver: falta sorriso.

Sei que esperar você é a sentença.

E que chegue a manhã cheia de riso!

E trazendo você, fica a sentença

De ainda lhe buscar um paraíso.

ILETRADO

Cá ouço alguma vez voz sensitiva,
No fundo a borbotar, como se chame
A traduzir de mim este derrame
De comunicação inextensiva.

No silêncio eu falo incisivo,
Qual fosse no papel, mas sem ligame.
Escrevo fundo em carne a descritiva
Do que em mim há melhor e se consome.

Tudo que há, há p'ra ler, não escutar.
Traduzo os sentimentos mal mal ditos,
Que se ditos seriam de pecar...

Por inexatidão. Se desse um grito
Seria mudo, assim como falar
Alto a ouvido surdo do que sinto.

PELO TEMPO

No tempo que se foi, eu não fiz marca.
E nem nada ficou. Trouxe comigo
Os passos que não dei, preso ao amigo,
Que achado e feito em mim, defende e ataca.

Nada se edificou, deixando marca.
Uma se fez em mim no tempo antigo;
No novo continua. Como barca
Avança e me transcende, deixa ambíguo.

Lugares onde fui, fui encantado,
Fui para me encantar. E leve andei
Que não me viu ninguém: eu fui alado.

E com meus ideais, tudo pintei.
De tempo a tempo estou e, lapidado
Pelo todo de mim, assim tornei.

ALVORECER

**Noite escura se vai embranquecendo
E um coro de pardais, com efusão,
Já anuncia o dia ao coração.
Com o intento sem ter... amanhecendo...**

**Eles em si pardais alvorecendo,
Ela é em si manhã. E, sensação
De tudo vivo no ar e junto, rendo
E aproximo de Deus minha razão.**

**Em uma sinfonia, coisa viva,
Simples, por todo ponto a palpitar,
Tudo, pleno de Deus, fica ativo.**

**Tudo se enche de paz onde está.
Eu não me busco tanto: nem cativo
Nem solto. Leve... Deus a nortear.**

EXTRAIR E ABSTRAIR

O que quero bem pouco e muito é vida.
Não quero ser teu dono. Nem de mim,
Se, pois, eu posso ser, como de ti?
Quero pouco p'ra ter... muito na vida.

Não quero tanto a alma compelida
(Se busca saciar-se e nunca enfim
Conseguir poderá, senão de mim)
A buscar muito mais que a simples vida.

E são tantas as dúvidas no tempo!
Tempo de me fazer mundo também.
Sendo todos, ser um em livramento.

Tudo que chega, sai, fica também,
Informe, mas tamanho do ido tempo,
Que nunca diz completo e fundo amém.

GRANDE AMOR POUCO

Como era grande o amor que me doía!
Sempre tinha você que não estava,
Dando-me p'ra você que não tomava,
Mas a pressentir que eu lhe pressentia.

Louca fugacidade que traía
Que queríamos, e em nós só relutava
Um que era grande amor... Uma energia
Que livrava de nós ou sufocava.

Amava que me amasse e era bom,
Como nada faltasse p'ra sorrir,
Até mesmo do pouco de batom.

Amava que a amasse sem pedir
Mais que juntos estarmos nessa sorte,
Que agora, longe, vai a despedir.

INTERROGAÇÃO DO EFÊMERO

Ah, o princípio e o fim do ciclo que é?!
Um todo casual?... Quão fica em pontos,
Dentro e fora de mim? Ao cume ou pé?
Não sei se saberei nestes encontros.

Soma e é algum valor. Sei lá o que é.
Ainda que as parcelas sejam outros
Números cheios e válidos, nada é
Nesse pretenso mundo de meio doutos.

Mas que que tudo é? Ou tudo faz?
Feito a gente ou da gente que é feito?
Não sei se saberei. Eu quero paz!

E saberá alguém, rico em conceitos
Trazer e pôr na mão, ou na alma, mais
Do que suspiro frouxo ou não do peito?

LENTO PROPÓSITO

A sorte que me ronda, que te ronda,
Fazemos e se faz, está presente,
A cada dia, na alma cá da gente,
Que p'ra ser fraca é forte e tudo sonda.

E por que e para que estas mil ondas?
Para saber apenas e somente
Que é bem menos sofrido nas delongas
Não vilipendiar o inconsciente.

Não se vive por algo para nada.
Semente sob luz, escuro, água,
Deserto, frio, calor, não sai chochada.

A pessoa se faz assim, na saga
De acabar devagar o começado;
Emenda sem ficar inteira ou vaga.

SONHO E REALIDADE

Há tanto alvorecer depois do sonho

Que queria mudar, fazer mudar...

Que qual do sono imagens faz pairar,

Mas sem repercutir no dia bisonho.

Eu sinto bem em mim, algo tristonho,

O passo que não dei, se, pois, eu dar

Ao mundo posso não, senão, medonho,

Do mundo passa em mim o triste andar.

Ah, ruas de fumaça e adros vastos,

Campos de chuva e sol, lá onde rego

A palavra que dorme em sonhos castos!

Nessas andanças doidas, o claro ego

Anda e desencaminha todos rastos.

E tanto que se perde, mudo e cego.

CINZA-CLARO

Estou cinza, mas há de outras cores.
É só melancolia, não negrume
De tristeza qualquer ou dor que esfume
Toda a clareza d'alma e fulgores.

Ferida antiga, marca de penhores
De que me resgatei. É um ciúme
Do que de mim ficou nos dissabores
Da perdida ilusão, com'um perfume.

Desgosto sem angústia e não mais
Que saudade talvez do que não tive,
Saudade sem doer, mentida paz.

Amanheço meus passos pelo nada;
O dia para a noite vou levar.
E quero amanhecer com o pé na estrada.

ENTRANHADO

Não vazou pela mão. Não, não pudera.
Como dedo agarrou. Não, de outro jeito.
Nos dedos faz-se andar e sai do peito.
Sai, entra... E sempre é uma quimera.

De oxigênio e gás se me assevera.
De veneno e remédio. E eu aceito.
Ora um, ora outro vento se apodera.
Eu firme, eu cadente, eu desfeito.

Pelo dedo expulsou-se, mas ficou.
É casa ou covil. Vazando sinto.
No peito aberto entrou e me tomou.

Querendo se explicar, morre faminto.
Vem nascer outra vez. Passa, passou.
Não passa, passa não, é o que sinto.

DE TODO DIA

Não sei o que falar do meu amor.
Só sei que ele é em mim e não nos outros;
Sei que é brando e constante e tem calor.
E só acho a nós dois nesses encontros.

É um fogo na carne, mas sem dor.
É vaidoso e contente de não outro
Poder sentir igual o mesmo amor.
E só acho a nós dois nesses encontros.

O amor... (Se não falei, porque dormias)
O amor... (Que não falei como paixão)
Dorme e acorda também noites e dias.

O amor, vem perscrutar no coração.
O amor, na intimidade dos meus dias,
Podes ter na tranquila rendição.

VIDA-RELÓGIO

Ponteiro do relógio do cansaço
Nem marca a vida mais e nem me curo,
Esquecendo que basta uma procura,
Sem tino caminhar para ser passo.

Mas, forçoso ao ponteiro puxo o laço
Que o ata numa opressão e que perdura
Sozinho, por si só. E num abraço
A mim mesmo em meu ser, giro a bravura.

Como ter força mais? Do circundar
Da curva ter o fim? A longa via,
Vantajoso daí, recomeçar?

Só quando dia e meio no meu dia
Sol sepulto no espírito brilhar,
Dando-se à lua até vir outro dia.

DIVERGÊNCIA E CONVERGÊNCIA

O que me deixa incerto me é incerto:
Não sei se sou mesmo eu ou se é a vida,
As coisas, as ações apercebidas
Na gente, por errado e/ou por certo.

Universalizar me faz molesto,
Pois são vidas de si em acrescidas
De minha vida, díspar manifesto,
Nesse não-universo de "eus" e lidas.

É errando por mim que te/me encontro;
É errando por mim que te/me perco
E acertando por mim, perco e encontro.

De ser tudo e ser nada é que me cerco
Em caminho e desvio do final ponto-
Vida longe que sofre tudo perto.

UNO

Este embate de mim na vida eterno...
Que custa e soma já para depois,
No aperfeiçoamento sempiterno
De um em um sempre mais e nunca dois...

Isto da vida em mim é sempre o mesmo,
Em mim tão parcial quanto o é em vós;
Sem um ponto final, sem um todo ermo;
Sem que cale ou que flua toda a voz.

E tal quer a emoção, desintegrar
Não vou em raciocínio a inteireza
Desta porção que sou sem inteirar.

P'ra encontrar o remédio da estranheza,
Da certa solidão a desviar,
Que o embate reflui e me arremessa.

VELADO

Com cem palavras belas eu te falo.
E são vivos rodeios do que sinto.
E eu ainda te escondo, mas não minto.
Ou eu não sou sincero, só me calo.

Por não saber dizer, tudo não falo.
Eu só uso rodeios e, sucinto,
Mal te digo do amor, logo me entalo
Com cem palavras belas e mais sinto.

E ainda sem dizer, eu me condeno.
E por tanto dizer, eu só reclamo.
Ferido e me faltando, me condeno.

E por tanto dizer, eu só aclamo.
E depois de dizer, eu me condeno
Para só te dizer... Só dizer que amo.

DESCAMINHO

Cabeça sem rumo e alma sem sossego;
Corpo sem cama e paz, solto no vento;
Sem leveza o sentir, o pensamento,
Sem ronda, sem caminho, sem apego.

Tudo sem se fazer. Ah, eu não chego.
De mim tampouco saio e o sentimento,
Pobre, não se desmancha. Sem enredo,
Priva-se na razão, faz-se lamento.

Reclame vivo, não. Só prevalece
Um mergulho em mim mesmo, que maltrata.
-Foz de choro entupida ou muda prece!

Quando noite deveras, quero flauta
Para inflar todo o peito que entristece.
Canto hinos. Não há céu, só uma falta.

À MULHER QUE PASSA E NÃO VEM

Linda, lépida, chega e sai,

grava na alma sua imagem.

Incontinenti, volta e vai,

sorridente no seu vai-e-vem.

Sorrindo ainda, apaga as cores e viço.

Apraz-me vê-la assim cativante.

Nada nela, no entanto, prenuncia

do que quero realmente receber.

Sem seus gestos e olhos,

sombras e negativo do que retrata.

Embaça-se a minha visão,

oscilo entre o brilho e a obscuridade:

sua presença, sua ausência.

Vejo e não vejo, sonho abraçar...

Ah, se pudesse haver amor!...

À MULHER QUE PASSA, PASSOU...

Sonhei todo o tempo contigo.
No meu ideal dormias.
Sonhada, tu eras angélica.
Encontrava-te em mim esotérica
(Todos os males curarias,
as faltas também supririas).
Assim, me fechei em postigo
por que entravas na ascética
vida do meu ego. Em valia
de todo universo, que exíguo,
bem cedo ficou. Antes, digo,
só configurou fantasia.

P’ra te nomear, adjetivos.
E tantos usei! Razoáveis
não o foram sempre, que o sei.

Mas eram tão bons, confortáveis

quando precisei lenitivos.

Tudo que doeu, suportei.

Por lei natural passaria,

mas por ti que foi meu alívio.

Dei-te muitos dons aceitáveis.

E fantasiosos também.

Agora me tornei aflitivo,

sem sonho, a sondar tudo esquivo.

À MULHER QUE NÃO PASSA

O teu olhar forte brada,
e retumbante em meu ser,
que sou tão teu quanto nada.
E não me tens por querer,
pois essa posse calada,
convulsa, sim, faz-me ver
que em nome teu, só tomada
é pelo próprio meu ser.

Dou-te o que sou, e resulta,
dando-te tanto, buscar
o que não sou. Só se avulta
sombra e vazio cismar.
E já não eu, vida oculta
tudo de mim. (Ao brilhar
o de tristonho sepulta:
traz dom de crer teu olhar)

Eu, no que sou, já sou teu.

No que não sou, me buscar

quando eu vou, tal como eu,

tu lá também vais parar:

Comigo sempre tu e eu.

ORAÇÃO PARA UM DIA MELHOR

Senhor, por que o ontem doído,

é tão necessário como o hoje,

que não doeu tanto, e o amanhã,

que não sei quanto doerá,

faze com que eu esteja no caminho,

e mesmo na fuga temporária,

encontre a estratégia e remédio

para defrontar-me com os inimigos...

reais ou imaginários,

que se me apresentam, que eu invento.

Senhor, que eu não me atribule tanto por pouco

e, discernindo, encontre a justa proporção

dos males que padeço, tirando o necessário proveito para o espírito,

no eterno aprendizado de viver.

Senhor, que todo o custo de tudo

seja aprender o respeito,

dando-o para receber de volta,

pois assim, Senhor, quero aprender

o que a todo tempo nos ensinas:

amar, sendo amar não ver com olhos vesgos

e nem com olhos vesgos ver tortuosidades

onde não há,

e havendo, não se autorize o coração ou a mente

a julgar

o que não é dado a julgar, pois só tu podes

e só tu designas.

Senhor, faze com que eu mereça por mim,

sem buscar com armas perniciosas

destruir quem e o que me obsta o caminho.

E, Senhor, se me for dado crescer,

que eu permaneça pequeno, tornando-me grande por ser pequeno.

Senhor, que eu não cometa auto-assassínio

pela má vontade alheia e aceite as vicissitudes

por que tenha que passar, sem perder-me

nos atalhos.

Senhor, por que continuaria a te rogar muito,

escuta o que silencia e fala muito o meu coração

e, finalmente, perdoa porque penso que sei

e não sei,

e perdoa minhas fraquezas, que me fazem inimigo de mim!

A PONTE E A FONTE

O meu espírito entristece
só de que possa entristecer.
E por assim se não esquece
que é em si mesmo alvorecer.

O que me dói está em mim.
E me é sensível o do outro,
sem me tanger, e às vezes, sim,
o mais central e fosso ponto.

Ah, deixa estar que tudo cura!
Não vive muito, pouco ou mais
que necessário, o que dura
no tempo em ter ou não ter paz.

Tudo suave se embrutece

e tudo bruto suaviza.

E tudo mais logo se esquece,

posto que o tempo nem enraíza.

Não ficam tanto as coisas mil

em mim, que tanto vou ficar,

e quanto possa, senhoril,

de tudo efêmero a passar.

Dou-me ao outro que virá

e nem de mim serei lembrado,

mas serei eu quem passará

de mim a mim mais bem talhado.

A FERRO, FOGO E SOPRO

Se o homem sofre, haverá consolo;

se regozija, houve recompensa.

E há culpa e há absolvição.

Traçamos uma escalada,

delineando ápice e pé

de uma montanha em depressão,

no gráfico representativo da vida.

Fazemos a história de ser,

sofremos a história de estar:

É a humanidade entre terra e céu,

díspar, harmônica, agregada, desagregada.

Em encontros e desencontros,

solidária sempre, ainda que revel.

O efêmero e o duradouro no comportamento coletivo

A Filosofia investiga o ser e o estar no mundo. Teorias se desenvolvem com apoio nesta ou naquela escola de pensamento. Assim também é a religião, que se apoiando num anseio universal, produz disparidades. Enfim, há todo um amálgama de ideias e fatores a ditar o comportamento. O homem se conduz ou desanda, se deixa conduzir ou fica inerte, e a lenta humanidade faz a sua história

Reflexão, sensação, intuição, sentimento, discernimento... O conhecimento em acordo ou desacordo com... O homem nasce tendo idéias natas, cresce em meio aos dessemelhantes (cada um é um universo), apreende, aprende, afina ou desafina, mas inelutavelmente copia e faz a

civilização. A humanidade não dá saltos, mas não estagna: grandes pensadores e líderes, homens de gênio, imprimem-lhe um novo verniz de tempo em tempo, com invenções, descobertas, aclaramento de conhecimentos latentes, condução e governo. De modo nem sempre tranquilo, pois o assentimento não se generaliza, e focos de apoio se formam em oposição a grupos céticos ou de resistência. E o homem perquire, especula e pratica, criando uma cambiante tez para o mundo. De um pólo geográfico a outro, demografias diferentes em ética e estética. É!... O mundo não se universaliza mesmo!... Por mais cosmopolitas que sejam os povos, pois é próprio do homem ser ímpar...

Sempre houve vencedores e vencidos por persuasão e dissuasão, com armas ou discursos, mas dificilmente idéias inovadoras ganharam lugar de cidade e status de ciência, de maneira pacífica e indiscutível, abstraída a condição de gado em que se encontram alguns homens,

condição essa que se perpetua entre os menos esclarecidos de alguns países, por culpa de uma invencível indolência ou barreira criada ou mantida por líderes, que a isso tiram proveito. A verdade é que a humanidade amadurece muito lentamente, e de quando em vez, loucos buscam mudar a face do mundo por meios os mais bárbaros e absurdos, criando terrorismo para intimidar e prevalecer sobre o dissonante. Às vezes é violência sobre violência, gratuitamente ou de resultados incertos ou vis, ou por resposta a precedentes (retaliação). É certo que a razão não traduz nem deriva de fórmula matemática, mas não há dúvida de que conceitos há que são verdades assentes e irremovíveis, sem embargo de divergências quaisquer, pois não se estabelecem por sistemas ou religiões, mas pela experiência. E por assim, há direitos naturais de ocidente a oriente, que devem ser respeitados e servir de norte ao legislador como ao homem de fé.

Se o estado se imiscui na religião ou vice-versa é de somenos importância (questão de política), contanto que não haja prejuízo para o coletivo. Se a religião cega o homem, que este tropece e caia no abismo, e não haja detrimento daqueles que carecem de guia. O cego não pode conduzir outros cegos. Os de visão lhe vejam a cegueira!

Mais de dois mil anos e há homens que crêem no absurdo e empenham suas vidas inutilmente, embalados na quimera de que podem ser felizes renunciando à vida presente. Há auto-engano e falsas convicções geradas pelo meio externo, que levam à morte figurada de pessoas. E morte real de milhares e milhares, no caso de homens-bomba que, por infundada causa ou injustificável ação, trocam a felicidade possível pela infelicidade certa, de cegueira, amputação e aniquilação.

E que é tudo isso? Desinteligência por desinteligência, cegueira por credo, amor a ideologia, contingência de estar num e não

n'outro meio, fatalidade, prejuízo implacável, irredutível e inevitável de uma parte da humanidade. Para dor circunscrita ou universal? Diretamente, indiretamente, a humanidade sofre diante de uma carnificina, genocídio e autoextermínio. De contingência em contingência, a fatalidade do ser e estar se cumpre. A humanidade sofre, se depura, aprende e segue renovando... Até que uma só língua seja falada e compreendida- DEUS!

A identidade que se faz e que fazemos

**O homem é único. A sua impressão de caráter é única como a digital e como o DNA. Vem sozinho, convive e celebra, ou fica à parte e endurece, mas emoldura e
multiplica e divide. Vai sozinho, leva e deixa de si e dos outros: o que aprende, o que ensina, o que dá a escolher e o que escolhe. O ser humano é inelutavelmente social. Existe uma flagrante solidariedade entre os homens, ainda que à revelia.**

O neonato recebe seu nome, original, adaptado ou copiado. Não há uma correlação necessária de significado entre este e aquele. O que significa exatamente um nome?... Uma pessoa em particular, quem é exatamente? E a essência, que é? E os adjetivos? Encaixam-se de

forma indiscutivelmente adequada a isso ou àquilo?

O Homem dá o primeiro passo, guiado por terceiro, recebe ensinamentos básicos de sobrevivência, e nem bem cresceu um pouco, já ensina. Somos um centro de irradiações. Ninguém é tão pobre que não possa dar algo, nem tão rico que lhe não falte alguma coisa. Não há auto-suficiência. Assim fosse, não precisaríamos amar e ser amados. Quem não o precisa? Quem assim se determine, decerto é ou ficará louco. Há uma necessidade insuperável de dar e receber. Somos egoístas, mas ainda assim precisamos amar, ainda que seja para que projetem de volta em nós esse amor. Quando materialmente se carece de bens concretos, há os valores abstratos. O homem, com seu caráter, formas de comportamento e atitudes, divide e multiplica no meio em que vive. Dá e recebe respeito e amor ou indiferença e desafeto. De forma permanente ou alternada. Existe uma responsabilidade individual e coletiva, e somos

todos arquitetos da harmonia ou desarmonia do meio. Crescemos e fazemos crescer a cada dia um pouco.

Por certo copiamos do mundo aquilo que encontramos e aquilo em que nos
ensaiam os circunstantes. Há modos, costumes e culturas como norte e fatores determinantes ou indicadores de conduta, comportamento e caráter. Mas há um sopro de dentro, da vontade, do abstrato de nós, que por vocação e pertinácia nos modela fora. E isso é todo próprio. Se copiamos, um pouco de nós, de nossa aura, é original e se impõe e ou marca. Os homens de gênio não passam simplesmente, como a maioria de nós, mas imprimem mudanças e dão matizes novos e colorem forte a paisagem-homem.

A humanidade arquiva os conhecimentos, os homens trazem-nos latentes, absorvem nas experiências, multiplicam e levam daqui para ali, de um ao outro, como ponte e como troca no que diferem, para somar. As coisas se

reformam. Tudo é cíclico, e reciclagem é uma necessidade e uma regra imperiosa da vida e do mundo, que se faz de partes.

O homem planta vírus. Adoece o sadio para ganhar dinheiro. Às vezes age como animal, desinteligentemente. Na verdade, comparativamente, o homem n'algum passo é "burro" e o animal, inteligente. Aquele ofende por prazer, ganância e gula, cego e indiferente para toda a luz, e este, à sombra, sem ver a luz, ataca para sobreviver.

Um enorme descompasso: um grande, outro pequeno, um com muito, outro com pouco! Iniqüidade, injustiça, inteligência bruta, econômica, sem caridade! E aquele verme que corrói a boa fé do semelhante, plantando o veneno da falsidade, a partir de uma leviandade, que se plantou pelo descuido e pela enorme preguiça de crescer? O homem copia, e copiar é uma tônica, em especial num mundo consumista, mas precisa aprender aquilatar

para escolher. "Nem tudo que reluz é ouro" e até o vírus- veneno- é remédio.

A inteligência se deve conceber como um processo mental que reflete na alma e da alma reflete na mente. A inteligência cognitiva, especulativa, adianta o homem para o encontro, mas se deve fazer um exercício diuturno e disciplinado para se encontrar o que importa. A busca se faz de reflexões e elos e corrente. O que se precisa: saúde no corpo, na mente e no espírito. O espírito da vida é paz, integração... Que pode começar de mim para mim para reflexo no mundo, do mundo... Não importa quão grande ou pequeno!

A vida não é algo estanque, e o estar aqui e agora é uma fase de amadurecimento, um estágio para algo maior. Algo que teima em acreditar: não morrerá antes de crescer e é um parto lento e depois que nascer de todo e crescer, perdurará.

Imagens e reflexos

Por não se traduzir tão bem quanto desejara, sem interação e com desânimo, o Poeta silenciará. Não dirá do sentimento nem do que é factível. Vai calar o que não leem ou ouvem. Tudo parece inarticulado. Parece que finge e não é. Então, vestirá o que representa e não precisará esforçar-se para dar à luz o que é no fundo.

E pensa: "Ignoremo-nos se sei mal de mim e de mim mal sabem, pois me entortam e entorto. E tudo é só um painel em que me retrato e em que retratam, em traços que mal esboçam. E eu não sei o que é real e o que é virtual. Sei que nada é definitivo, mas uno e desagregado e perdido em si mesmo."

Disperso e abstrato, tudo é um grito que não se escuta, que vibra a alma como cordas de um instrumento melódico e sem canto, jogado a um canto.

O que no fundo briga, reluz, obscurece, continuará, mas em repouso. Não se expedirão sinais, e quem sabe acabará o Poeta paranóico ou entediado, qualquer coisa..., certamente desadaptado.

O seu céu relampeja, deita chuva e faz sol. Há auroras e crepúsculos. Quem o nota? Não está fora. Tudo subjaz numa clausura que não se desfaz e que também faz...

Sente-se velho diante de um menino que ainda é, furtivos os dois estados em que se confunde e em que o confundem. Fica esquecido... Até de si. Mas se tudo está latente, poderá aflorar, lentamente ou aos borbotões, com gosto ou à revelia, no seu exercício, no exercício do outro.

Embalado em pensamentos, lembra que precisa retomar a lida do dia-a-dia e vislumbra

um quadro. Entrevê em imagens o que poderia ter sido e o que poderá ser. Fica no meio de tudo, brigando para não se perder para além ou aquém de si mesmo. Ele é lentamente factível e soletrador lento de verdades que reputa essenciais para si.

O Poeta leva o dia para a noite, que lhe traz outro dia, esquecido que decidira nele não entrar de todo, e começa tudo outra vez, ensaio após ensaio. E a vida acontece à revelia. Numa saudação acanhada, ambos se experimentam. E ele pensa e ensaia e
aprende...

Quando o homem nasce, sua essência lhe é latente e deve desabrochar. Sair do estado latente implica em os embates de si no mundo e deste em si. Em outras palavras, o que floresce - e não é tudo - nasce dos conflitos.

Há condições previamente determinadas que retêm e contêm o ser e que este retém e contém... Há fatos e condições incidentais, secundários, relevantes, irrelevantes... que o ser cria, que se criam... De que se gosta ou não, que se captam ou não, mas há, e tudo está, e pouca coisa é, não se sabe ou se sabe sem conscientizar, ou se conscientiza sem saber... Mas sabe-se uma coisa: o ser está em construção e concorre ora revel, ora num arremesso menos inconsciente e mais espontâneo de si no mundo.

Muita coisa muito infelicita, pouca tranqüiliza ou deixa contente. Ah, a alma está a caminho, sempre a evoluir nos encontros e desencontros, na busca do ponto, em rendição e/ou exaltação ao Imenso Desconhecido!

A vida é efêmera e o homem não compreende a si mesmo. É difícil desvendar-se. Por isso, muito equivocadamente nos julgam os circunstantes. Há leviandade em tomar o aparente pelo real e essencial.

É preciso descobrir o predominante, discernir o acidental do constante, não divorciar a pessoa do meio, pois este realiza influências naquela. A pessoa só é abstração do meio em seu grau máximo de pureza, e este só Deus pode aferir. Não se pode esquecer que as sutilezas do espírito são tantas que embaraçam, embaçam, cegam. Os estados da alma são, às vezes, inefáveis, de natureza incompreensível e imponderável para doutos e pretensos psicólogos. Há um complexo determinante de causas e efeitos, um mundo psíquico, cuja imaterialidade não se pode fotografar. O que se vê fora se esboça às vezes tão mal, que nem de longe se compõem os retratos reais.

Cientes da impotência de que somos dotados para conhecer a verdade, insistimos inobstante em classificar. Que assim seja, se precisamos procurar aqueles que cremos ou intuímos serem os que mais casam com nossos ideais de relacionamento. Não se perca de vista, no entanto, que o verdadeiro não tem que ser o

convencional ou o ligeiro, que signos e símbolos podem ser enganosos. Que o classificar não signifique exercício mecânico e precipitado de incluir ou excluir aqueles que passam ou ficam. Ou nos deixam à margem, pois só a interação é o caminho e o alvo. E todas as mãos se estendam!

A solidariedade, na acepção ampla ou ampla e autenticamente praticada, deve ser vivida a priori no coração. Honesta e firmemente buscada, nos livrará de trair a nós mesmos e nos conduzirá à harmonia possível, na convivência com o heterogêneo da vida.

É preciso viver superficialmente, imperfeitamente desenvolver a filosofia do estar, não esquecendo que em tudo, lentamente, se desenvolve a filosofia do ser.

O homem é um segmento. Não sabe onde o ponto zero ou em que ponto da régua está. Ou da regra? A vida é um encadeamento de experiências ao longo de uma cronologia, cujo ápice se desconhece. Protrai-se e por partes se realiza, traduzida em estágios de maturidade.

Sabe-se: nada é acabado de forma estanque, que justifique pensar que tudo resultou em fracasso. Ou que tudo se completou.

No tempo decorrido colheram-se frutos e outros se colherão, e o mais sazonado que se pode, é no presente desenvolver alguma docilidade e calma. Não esperar tanto, compreender melhor que não há o que entender a fundo e definitivamente... Só estar dentro dos dias, sem preguiça, medo ou desespero, trocando impressões e experiências de todos os matizes, pois há nuanças nos amanheceres e anoiteceres, numa formação sempiterna do caráter final e tão fugidio.

Todos temos estórias que se nos apresentam e servem de maneira singular. Os elementos, o lugar e as circunstâncias de que se reveste a estória são mosaicos, símbolos, e não o valor todo, o valor em si. Ocorre que os confrontos importam e só eles trazem a essência de que precisam matéria e espírito para bem da filosofia e sociologia práticas.

É preciso dar e receber, de modo possível e de forma continuada. Se o destino for desafinar, haverá quem desafine do mesmo modo para desafinação conjunta na vida, mas de mãos dadas.

Tudo como é, é necessidade da natureza humana, que é como paisagens desmaiadas de um cenário mal vislumbrado de um caminho metafísico.

Neste mar de individualidades há os que vivem introspectivamente e são de duas características: os que fogem por covardia e ou timidez e os que, fugindo, mergulham em si para explorar o universo interno para, paradoxalmente, descobrir o mundo que há fora. Que é sempre receptivo. Basta que o aceitemos, pois as coisas não têm que ser, elas são... simplesmente. Ruminar e dirimir a dificuldade é trabalho de quem quer desabrochar e conhecer o mundo. Remoer e recolher-se, odiando o mundo, não é o caminho para achar-se a si mesmo. É preciso liberar as

emoções, estudá-las e esclarecer, e não afogá-las, pois viver em paz e harmonia é achar o belo, é achar-se a si mesmo no mundo e este em si.

O homem precisa desembaraçar-se de preconceitos, respeitar o grande e o pequeno indistinta e genericamente, amando o individual, que não é tão identificável, inteiro e próximo, mas está no todo. Amar a si é amar o outro e amar o outro é amar a si.

As crises existencialistas, em alguns casos, são tão necessárias quanto o ar para a vida física, moldam a personalidade e enriquecem o espírito, tirando-o da infância. Não nos bastarão conselhos, sinais e direção indicada ou traçada. A plenitude que buscamos- a possível- e queremos, ou se nos reserva, só alcançamos por nós mesmos, com sofrimento, luta, perseverança e trabalho. O espírito vai elaborando o ego subjacente e formando os caracteres do homem em construção, a partir do fluxo e refluxo das ondas desta vida-oceano.

Fazer-se um inventário, tendo à frente conquistas e derrotas, ganhos e perdas, e traçar-se um auto-retrato!... Em ambos os casos não se prescinde da memória e conta a atenção dispensada aos fatos e verdades, mas no segundo caso, mais do que no primeiro, necessita-se da inteligência cognitiva, a que sonda e busca com sagacidade e eficiência possível, classificar e conceituar tudo em tudo. Ah, como é difícil conceituar e dar como certo o que varia de timbre e matizes na voz e nas cores dos símbolos!

Natureza e também necessidade da vida, profunda ou superficialmente todos sondamos e buscamos uma verdade que possamos defender sobre nós mesmos e sobre a realidade que tangenciamos. Será uma perda e um sofrimento irmos muito fundamente na busca de uma realidade geral e abrangente, quando se vive numa que é circunscrita e basta ao individual. Mas quanto bastará para sermos individuais? E efetivamente sê-lo é a medida de estarmos no

mundo? Com certeza, não, nem do ponto de vista das convenções, nem do das reais necessidades de evolução (e a evolução é forçosa). Buscar e obter conhecimentos para a sabedoria possível e cabente a cada um, segundo capacidade e necessidade, tudo dirigido pela boa vontade, eis o que há de comum, eis o caminho encontrado por trilhas. Quem buscar mais, sofrerá mais dores e mais intensamente do que aquele que pensa que nem busca, mas as suportará melhor e com menos prejuízo do que este, que terá em sua dor inconsciente o retardamento do encontro. Um e outro, com limitação; o que importa é encontrar a calma.

O que há é distribuição de responsabilidades que faz o Criador, numa aferição de grau de capacidade de suportar a individual carga de vida. No gráfico da evolução, as linhas mostram a ascensão do individual e a ascensão e o declínio do coletivo, desenhando os ápices e as depressões, num estado de coisas tal em que tudo é consolo,

perdão, recompensa, pena e concessão de chances.

A gente faz um esforço para explicar e entender o estágio em que está, o ser e o merecer isto ou aquilo, o ter e o não ter, recorre ao imenso painel e todos os sinais indicam. Busca os erros e os acertos, encontra culpa e absolvição, e tudo cala no fundo. O que se expressa na gente e para a gente é titubeante, faz um esboço e continua errante e incerto a fazer um retrato, que nunca é final, e sempre é pouco nítido.

Sonho é sobrevida; vontade, força que move o homem, e símbolos, um quadro de realidades virtuais.

Na quietude do quarto, invadido por recortes de luz, jaz o corpo sobre a cama. O espírito, aonde? Viaja abraçando verdades, construindo uma vida etérea de fatos

acontecidos, em acontecimento e por acontecer. O espírito sonha, e a vontade, boa ou má, é o que nos retrata.

O homem, em espírito, enquanto dorme, numa morte aparente e provisória, toma contato com as verdades puras. Dorme, acorda e aprende, num processo cíclico, lá e aqui, a ser uma verdade quase plena. Ter-se a si mesmo tão bem, que muito possa dar, que, enfim, possa eclodir todo o ego. Que nem ego seja, mas elo e se faça corrente, encontrando a senda e o portal da felicidade possível.

No sono projetam-se inquietações: o que nos frustra e aquilo a que aspiramos. O mundo em nós e nós no mundo e em nós mesmos, num convívio atribulado ou calmo (ou uma coisa e outra, em revezamento ou confusão); a estória que fazemos e de que nos fazemos, passo a passo, num interminável e indelével gravar de experiências, pobres, ricas, simples, complexas, mas todas válidas para o atingimento de pontos progressivos numa reta.

A consciência desperta, normalmente não retoma as realidades vividas no sono, no que significa tomar os símbolos, recordando-os, para a exata interpretação e compreensão. Mas tudo se move dentro da vontade, e é esta que espraia e materializa no homem acordado os impulsos do seu foro íntimo.

O que mais se pode fazer se não lembrados os sonhos e na alegoria tudo se perde para a consciência ou pouco fica para aplicar no dia desperto? Sentir a relva sob os pés e o cheiro de flores e frutos por colher. Contemplar, perseguir, seguir...

Às vezes, o fato de não se obter o objeto da carência é para que possamos crescer como criatura intelectual e moral.

Firmar a vista no futuro e sentir que é bom o que falta desenvolve o sentido da busca e norteia o homem para a consecução. O caminho que então se toma será curto ou longo, fácil ou difícil, certo ou errado, mas com acidentes, incidentes e peripécias ricas de humores, ora folgando, ora atribulando o espírito, mas pleno de lições.

O que parece um golpe fundo e toma dimensão de fracasso e inspira uma tristeza crônica ou duradoura, não deve ser tal que machuque ou dure mais que o necessário para aprender... Aprender a discernir, projetar, valorar, buscar, conquistar, perder, renunciar, frustrar-se... Não deve ser tal que desencadeie danação e descrença no espírito, pois valerá sempre para salientar a incorreção da seta ou do alvo, ou do percurso, ou grau de dificuldade de alcance.

As linhas principais por que se conduz uma pessoa ou que traçam sua trajetória são fixadas e delas não se declina. Fossem outras e a

estória não seria a mesma, a pessoa não desenvolveria o que tivesse que desenvolver. O erro pode ser acerto, a tristeza atual uma alegria futura, e o dissabor de não realizar agora, a base de uma realização sólida, amanhã.

O ter algo pode ser recompensa, como pode ser lenitivo para uma dor inevitável, leve ou intensa, tanto quanto uma dor certa- que parece injusta- pode prenunciar uma glória iminente, porque, enfim, é caminho e instrumento de evolução.

E o Poeta se diz: "Tenho o que mereço, na medida em que trabalhei para obter, e obtive porque aprendi a obter; e se conservo indelevelmente no espírito, de par e em contrapartida ao que se destrói na memória, é porque Deus não me emprestou, mas concedeu para durar, e está em mim perpetuar o que é bom".

O estar no mundo sem um caminho pronto, por mais pronto que o façam e

se o encontre é condição para o homem crescer. Achar o caminho é exercício do espírito e não da vista, pois o homem todo (com seu abstrato) é que rompe, passa e fica, ainda que discretos sejam os sinais.

E o Poeta chora ou ri, fala ou cala, odeia ou ama, tudo junto ou em cada
tempo; confusa ou claramente tudo chega e não basta para sentir. E a poesia é tudo que repete, inova, não envelhece, vive, palpita, não estanca e está... Isso tudo no âmago e na periferia de uma vida sofrida.